

TOP! TOP!



Outubro 2005 - nº 19



**Cartunistas festejam
ANIVERSÁRIO DE MARIA**

História de luta

É chato fazer uma edição auto-referente, mas não podia deixar de render homenagem a personagem *Maria*. Para isto, deixei que falassem por mim os companheiros de luta, que seguem na batalha pela afirmação da HQ nacional. Temos tiras exclusivas de Sidney de Carvalho, Cristovam Tadeu, Cedraz e Marcos Nicolau, fazendo suas personagens contracenarem com *Maria*.

O mais importante sítio de quadrinhos na internet, o *Universo HQ*, é comandado pelo jornalista Sidney Gusman. Na entrevista desta edição ele nos conta seu processo de produção e analisa os quadrinhos nacionais.



Roteiro

2. Sergio Más. Cartum
3. Maria: 30 anos de humor e irreverência. Iramir Araújo
10. Um passo adiante. Entrevista com Sidney Gusman
21. Chamada Geral
23. Lero-lero

TOP!  **TOP!**

Nº 19, outubro de 2005. ISSN 1415-8558



Publicação da editora

Marca de Fantasia

Editor: Henrique Magalhães. Rua Antônio Lira, 970/303. João Pessoa, PB. Brasil. Cep: 58045-030.

www.marcadefantasia.com.br; contato@marcadefantasia.com.br

Colaboração: Cedraz, Cristovam Tadeu, Iramir Araújo, Marcos Nicolau, Sergio Más, Sidney de Carvalho, Sidney Gusman. Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações (textos, ilustrações e quadrinhos) são de propriedade e responsabilidade dos autores.

A editora Marca de Fantasia é uma atividade do Grupo Artesanal, CNPJ 09.193.756/0001-79

MARIA

30 anos de humor e irreverência

Iramir Araújo

Personagens são filhos. Dito assim, parece óbvio. Talvez seja. O fato é que, quando os trazemos ao mundo, os alimentamos, vestimos, apresentamos aos amigos e procuramos dar-lhes uma carreira segura, não estamos fazendo mais do que projetarmos neles nossos desejos, ambições, esperanças e visão de mundo.

E, se quando os criamos, nos consideramos (com toda propriedade) pais, todos os nossos amigos, os que acompanham seu crescimento podem ser chamados de tios.

Eu me considero um tio. Mais do que isso, um tio coruja, que tem a felicidade de falar de uma sobrinha muito querida: *Maria*.

Em *A incrível história dos quadrinhos – 20 anos de HQ da Paraíba*, um pequeno, mas muito interessante livro, lançado em 1983 (e que já merece reedição ampliada), Henrique Magalhães, o autor do livro e pai de



Maria, escreveu: “Em 1975, cansado de reproduzir os quadrinhos de Maurício de Sousa e Walt Disney, resolvi sentar e colocar a cabeça pra funcionar. Teria que sair algum personagem inédito dali. (...) Desenhei uma mulher baixinha, de cabelos encaracolados e de peitos grandes. Em paralelo ficou definido que seria uma solteirona sempre em busca de um marido”.

Mas, da mesma forma que os filhos, os personagens adquirem vontade própria. E não poderia ser diferente com *Maria*. Cedo ela ganhou o mundo e resolveu que ser caça-maridos não tinha muita graça e ampliou seus horizontes. Deixou de ter a “função exclusiva de divertir, fazer rir, para refletir as situações que a rodeavam, a analisar, criticar”. E o fez, engajando-se politicamente, defendendo as minorias, enfrentando a repressão e os quadrinhos estrangeiros. São impagáveis suas tiras em que

desafia *Madame Corporeichon*, que representa, não apenas a produção estrangeira que invadiu (e ainda ocupa) o país, como também o autoritarismo e a intolerância presentes naqueles dias de ditadura militar.

Muitos outros filhos e filhas passaram a frequentar as histórias de *Maria: Pombinha*, seu caso explícito de amor, *Zefinha* que pode ser interpretada como a eterna alienada (mas que, na verdade, tem outras prioridades na vida) e, mais recentemente, *Mãe Dinga*, *Kalula*, *Bicho Grilo*, *Magal*, *Virgens de Tambaú* etc, quando as questões que se nos mostram diariamente, como racismo, misticismo charlatão, corrupção, e tantas outras seriam assumidas por esses novos coadjuvantes.

Agora que *Maria* completa 30

anos é um pai orgulhoso de sua criação que apresenta a trajetória da filha famosa em um livro delicioso.

Maria: espirituosa há 30 anos, conta do nascimento, dos primeiros passos e da conquista do mundo por *Maria* e seus amigos, em um texto breve e em uma coletânea das tiras mais significativas e marcantes desses 30 anos. Mas, mais que isso, é uma declaração de amor de Henrique à sua personagem.

Henrique Magalhães, paraibano de João Pessoa, é, além de cartunista, um pesquisador incansável dos quadrinhos, principalmente dos fanzines, aos quais se dedicou na carreira acadêmica publicando os resultados de seus trabalhos, ampliando o conhecimento sobre essa importante forma de comunicação. Mestre em Ciências da Co-



Acima, a primeira tira, criada em 9 de julho de 1975



municação pela ECA-USP e Doutor em Sociologia pela Universidade de Paris, é também professor no Curso de Comunicação Social da UFPB.

Através de sua editora, a Marca de Fantasia, Henrique continua, coerentemente, a valorizar os quadrinhos através de várias linhas de publicação, dos fanzines a álbuns, de revistas a livros com ensaios sobre quadrinhos.

Para Gonçalo Júnior, “ele e Maria se fundem. Do mesmo modo que ela tenta mudar o mundo, pelo menos à sua volta, Henrique tem ido cada vez mais longe na valorização dos quadrinhos como arte. Sua vida se funde com a luta pelos quadrinhos mais genuínos que um dia se sonha sejam feitos no Brasil. Se existe um front, Henrique está lá, com uma bandeira em punho”.

Visite o site

www.marcadefantasia.com.br
para conhecer não só esse livro (que



Capa da edição especial de aniversário de Maria

você não pode perder) e as outras publicações da Marca de Fantasia.

Ah, eu sou também apaixonado por *Maria*, desde que a conheci.

Artigo publicado em O Estado do Maranhão. São Luís, 21 de agosto de 2005, p. 4.



Cartão postal para o grupo gay “Nós Também”, de João Pessoa

Maria, Baiano e Miudins

Na década de 1980 Maria participou de uma parceria excepcional.

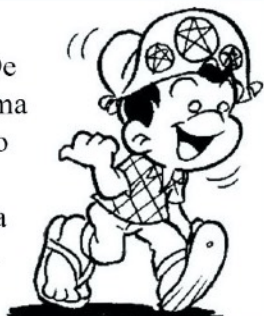
Juntamente com Gonçalo Júnior e Sidney de Carvalho criamos uma HQ reunindo as personagens Maria e Baiano. Esta HQ foi publicada no fanzine Quadrinhos Magazine, de Gonçalo Júnior.

Agora, em seus 30 anos, Maria ganha uma homenagem emocionante, com a visita ilustre de Baiano e de Miudins, numa criação de Sidney de Carvalho.



Maria e Xaxado

Antônio Luiz Cedraz é um dos grandes batalhadores dos quadrinhos brasileiros. De Salvador ele produz as tiras de Xaxado, uma personagem com forte teor cultural e senso crítico de nossa realidade nordestina e nacional. Com esta tira, Cedraz presta uma grande homenagem a Maria, companheira velha de luta.





XAXADO

por Cedraz



Os quadrinhos paraibanos têm no humor um de seus perfis mais arraigados. Toda uma geração de cartunistas surgiu na década de 1970, apoiada pela edição dos suplementos ilustrados e pela inserção de tiras nos jornais diários. Marcos Nicolau, com *Borges, o rato de biblioteca* e Cristovam Tadeu, com *Bartolo* são dois de nossos cartunistas mais representativos, e que fazem com suas personagens uma parceria bem humorada com *Maria*.

BORGES, o rato de biblioteca - Marcos Nicolau



BARTOLO - Cristovam Tadeu



MARIA - Henrique Magalhães





Um passo adiante

Não há quem se interesse realmente por quadrinhos que já não tenha dado uma passada no *Universo HQ* (www.universohq.com). Sítio de referência sobre os quadrinhos na internet, o *Universo HQ* é um sólido projeto comandado por Sidney Gusman, que também edita a revista *Wizard*, da editora Panini.

O sítio tem sido um importante canal de difusão de tudo o que diz respeito aos quadrinhos, abordando não só o mundo fantástico dos super-heróis, mas também os mais diversos gêneros. Sua atualização diária tem reservando ainda um espaço generoso para os quadrinhos brasileiros, para os fanzines, as editoras independentes, além de todo tipo de evento que se dirija aos amantes das HQ.

Sidney é jornalista, mora em São Paulo, é casado e tem três filhos. Tinha 38 anos quando se realizou essa entrevista, em novembro de 2004 durante o Salão Internacional de Humor do Piauí, em Teresina. Aqui ele nos fala de seu processo de edição, sobre mercado e perspectivas para os quadrinhos. Hm.

Campo de trabalho

Vamos direto ao ponto. Conte-nos onde você já editou quadrinhos e como se dá seu processo de edição.

Apesar de não ser designado para isso, editei quadrinhos na Globo e depois na Conrad, até 2003. Uma das minhas frustrações é que, pra valer, eu nunca fui editor de quadrinhos. Quem edita quadrinhos define se o roteiro está mal escrito, se o desenho está fora de proporção. Quem edita super-heróis e mangá não considero editor de quadrinhos. Eu fui editor de mangá e de algumas revistas de super-heróis, mas fui editor de texto.

Efetivamente, quando a tradução chega, você edita o texto de maneira que ele fique bem escrito, que os personagens tenham sua maneira de falar de acordo com suas origens, de modo que isso chegue legal ao leitor. Além disso, eu programava as edições, fazia contato com as editoras internacionais, recebia o material, fazia o editorial e outras matérias veiculadas nas revistas.

Você decidia sobre o que seria lançado?

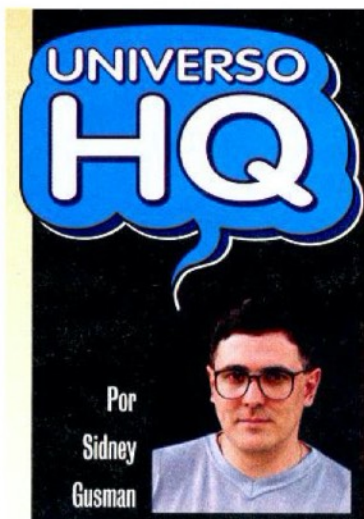
Nos quadrinhos japoneses não se tem nenhuma interferência sobre o que sai. A editora compra uma série e fica obrigada a publicá-la até o final, sem pular nenhum capítulo. Este era mais

um fator pelo qual eu não me sentia um editor de quadrinhos, porque não tinha possibilidade de decidir o que publicar.

É certo que não havia campo para se decidir o que publicar; mas era seu o trabalho de planejar a publicação. Dentro desse limite, isso não é um trabalho de edição?

Certo, é possível fazer a escolha da capa, o layout, a diagramação da seção de cartas ou a página de abertura pra deixar a edição mais agradável. Mas, se uma revista que se comprou no Japão não está indo bem na banca, não se tem muito que fazer. Todas as capas são aprovadas pelos japoneses e eles são muito rigorosos, eles não deixavam alterar nenhuma capa. O trabalho se resumia, então, à edição de texto e tentar ganhar o leitor na conversa.

Rubrica de Sidney na revista Wizard



Qual seu papel na Wizard?

Eu sou o editor da *Wizard*, faço o fechamento da revista, participo de todo o processo de criação de pauta, diagramo, enfim, todos os textos sou eu que faço. Além disso, tenho uma coluna na revista que se chama *Uni-*



A *Wizard*, editada por Sidney para a Panini

verso HQ, como meu site, e em quase toda edição eu faço pelo menos uma matéria sobre o mercado nacional ou algo que não tenha ligação com o mercado de super-herói, porque a *Wizard* já fala bastante desse gênero. Eu prefiro escrever sobre *Mônica* ou *Mafalda*, sobre *Popeye*, pra tornar a revista a mais eclética possível.

Há público para esse tipo de revista?

Há, sim. Muita gente achou que essa revista não teria mais espaço no mercado em virtude dos sites na internet, como o *Universo HQ* e outros. O que eu acabei descobrindo é que muita gente ainda não tem internet e mesmo os que têm, muitos ainda gostam de ter impressa a informação que eles lêem diariamente na tela. O brasileiro é por tradição colecionador.

Uma coisa que me surpreendeu e que de início fiquei meio temeroso foi que a Panini decidiu lançar a revista como ela fora lançada na Itália, misturando informação com histórias em quadrinhos. Se a revista fosse só de informação eu ganharia mais porque escreveria mais, pois não sou contratado da Panini, trabalho como *free-lancer*. Mas admito que eles acertaram na estratégia. Eles conseguiram seduzir o público que quer ler quadrinhos, mas que termina por gostar de ler informação. Ao mesmo tempo, o cara que quer informação acaba se entretendo com os quadrinhos.

Pra mim esta é a fórmula certa. A Wizard não vingou antes porque era só de informação.

Muito boa sua observação. Na primeira fase, os leitores mais *nerds* falavam que a *Wizard* da Globo era muito melhor porque só tinha informação. Há que se ter em mente que a *Wizard* da Globo surgiu em 1996, quando a internet estava engatinhando no Brasil e quase ninguém tinha aces-

so de casa. Hoje, qualquer leitor que lê super-herói ou mangá já acompanha o que sai de novo nos Estados Unidos. Nesse aspecto, é difícil manter uma revista “quente”. Quando veicula quadrinhos, você tem entretenimento com informação.

A minha briga pessoal é colocar quadrinho nacional e eu já consegui isso em duas edições, publicando HQ de Lourenço Mutarelli e dos irmãos Fábio Moon e Gabriel Bá. Se dependesse de mim, eu colocaria uma história em quadrinhos nacional por mês. Mas claro que a Panini tem interesse em divulgar os personagens dela, que são *Batman*, *Capitão América* e por aí vai. No entanto, eles me abriram esse espaço e eu estou conseguindo aos poucos lhe dar uma cara de quadrinho nacional.

Como você vê o mercado de quadrinhos no Brasil?

Eu escrevi sobre isso em minha coluna na *Wizard* com o título “Quadrinhos de mais, grana de menos”. Nós nunca vivemos no Brasil um cenário como o atual. Está saindo muita coisa de qualidade que não sairia por uma grande editora. Esta produção em pequena tiragem está sendo dirigida a livrarias, a *comic shop*, a gibiterias. No entanto, ao mesmo tempo em que sai tanta coisa boa, pouquíssima gente está lendo porque o mercado segmentou de tal maneira que o quadrinho se tornou um *hobby* caro. Hoje o qua-

drinho é mais caro que uma sessão de cinema e dura “menos tempo”.

Por conta da segmentação, as tiragens caíram e as editoras ficam à espera de um milagre, à espera que apareça um grande campeão de audiência, como ocorreu com *Dragon Ball*, da Conrad, que em 2001 vendeu 100 mil exemplares. Só que isso é um pouco fora da curva no mercado de hoje.

A que você atribui as baixas tiragens, à falta de interesse do público, às mídias eletrônicas, ao esgotamento da arte, à falta de renovação criativa ou à falta de investimento do mercado?

Tudo isso influi um pouco, mas o que mais afastou o leitor foi o esgotamento criativo. Tirando a *Mônica*, o mercado no Brasil ficou muito tempo dominado pelos super-heróis. Eu sou um leitor de super-heróis, cresci lendo super-heróis, só que eu também gosto de outro tipo de quadrinho.

O que me pergunto é o que não foi feito com *Batman*, com *Homem Aranha!* Os personagens passaram por fases pífias, horrorosas, e os leitores foram acompanhando porque eram também colecionadores. Mas o leitor vai desenvolvendo o senso crítico e reconhece que aquilo está uma porcaria. É claro que isso era intercalado com uma saga boa; as histórias não eram boas nem ruins o tempo todo.

O mercado de super-heróis ca-

minhou para uma linha dirigida ao seu leitor. O cara que começar a ler quadrinhos hoje não vai entender nada. Ele acha legal o filme do *Homem Aranha*, onde a personagem vai namorar *Mary Jane*. Contudo, quando compra o quadrinho, o *Homem Aranha* já casou com *Mary Jane*, separou, teve filhos, sumiu, foi morta, voltou da morte, foi estuprada... As grandes editoras americanas investiram num molde que exige que o leitor tenha que ser um grande conhecedor de super-herói pra poder entender aquilo.

No caso dos mangás isso não acontece. Talvez por isso, tirando Maurício de Sousa, os mangás passaram a ser os maiores formadores de leitores do Brasil, porque as histórias são fechadas. Elas podem durar 80 números, mas é uma novelinha que vai chegar ao último capítulo, e nem por isso os japoneses deixam de ganhar dinheiro. *Dragon Ball* acabou em 1986 e continua sendo uma das marcas mais vendidas do mundo. Eles trabalham de forma diferente. Os americanos transformam o morcego do *Batman* numa marca que tem que ser trabalhada em cinco revistas por mês. Fica impossível manter a criatividade. Portanto, o esgotamento criativo foi a razão que fez com que, nos últimos 15 a 20 anos, o mercado de super-heróis, especialmente aqui no Brasil, tenha perdido em média uns 100 mil leitores por revista.

Por que não se produz quadrinho brasileiro? Há preconceito ou não se acredita que haja mercado?

Eu já ouvi um grande editor de quadrinhos dizer que não acredita no quadrinho brasileiro como formador de público. Eu discordo muito dele. Se o quadrinho brasileiro fosse trabalhado de uma maneira séria, decente, com regularidade – é claro que isso é uma utopia –, se o editor investisse, pagasse direito aos roteiristas e desenhistas, os arte-finalistas e os coloristas, o Brasil teria uma grande chance de formar um mercado de leitores para os quadrinhos nacionais. Recentemente tivemos a série *Holy Avenger*, uma história de fantasia feita em estilo mangá que durou 42 edições rigorosamente mensais, não houve aumento de preço e ela se manteve, foi crescendo, formou seu público; nos eventos de manga tem gente vestida como os personagens. Esta é uma prova de que dá pra fazer quadrinhos no Brasil.

Sem querer desanimar os novos autores, o que costumo falar em minhas palestras é que não trabalhem pensando nas grandes editoras porque elas não vão publicar quadrinho nacional, ao menos em grande escala, para o mercado de bancas. A Panini tentou com *Combo Rangers*, mas não deu certo e não vai tentar outra vez tão cedo. A Abril teve uma grande chance na década de 1970, quando poderia ter feito um núcleo de quadrinhos nacio-

nais e não fez. O que a gente precisa é de uma editora que possa acreditar no quadrinho brasileiro e que tenha grana pra investir no mercado nacional.

Isso não existe hoje, nenhuma editora está nadando em dinheiro. Os brasileiros estão publicando, mas de uma maneira heróica, valente e criativa, porque cada um está buscando sua forma de publicar, de mostrar seu trabalho e, de um jeito ou de outro, os brasileiros estão se sobressaindo.

A música brasileira, por exemplo, conseguiu até um mercado maior que o da música internacional. Por que não se investe nos quadrinhos brasileiros da mesma forma?

Falta uma pessoa de visão que possa investir e não esperar um resultado imediato. O que acontece é que nas poucas iniciativas dirigidas ao quadrinho nacional em banca se espera que venda bem no primeiro número, mas nada vende bem no primeiro número. Ou a primeira venda é muito alta e depois despenca no segundo número. Então, se não se fizer um trabalho sério com divulgação, um trabalho de exposição na banca, só vai dar certo se muita gente fizer divulgação boca-a-boca.

O que falta é um projeto editorial.

Exatamente, falta um projeto editorial que englobe todas essas áreas,

desde a criação à divulgação, até a circulação em banca.



Como jurado do Salão Internacional de Humor do Piauí

Nova mídia

A internet mudou radicalmente a comunicação. Você acha que ela trouxe benefícios aos quadrinhos?

Acho, sim. Antes, para um quadrinhista mostrar seu trabalho tinha que ir na editora com seu portfólio, marcar hora etc. Hoje, com a facilidade da internet, tem um monte de desenhistas que faz blog, faz portfólio

virtual e se comunica com os editores por e-mail. Na área da ilustração, da charge, os artistas já ganharam evidência por causa de seus sites. Só não acredito que a internet vá substituir o papel. Não consigo conceber ainda o quadrinho sem o papel. A revista e a internet vão continuar aliadas.

No aspecto da divulgação, muita gente põe seus quadrinhos na internet. André Diniz com a editora Nona Arte faz um trabalho sensacional de divulgação dos quadrinhos nacionais. Ele já disponibilizou mais de 300 histórias em quadrinhos *on-line*. Olha quanta história produzida tinha por aí e nunca ia ser publicada! Tem história que já teve 35 mil *downloads*, ou seja, tem público.

Nesse caso, a internet é mais um veículo que um meio, ou seja, não se produz o quadrinho para a internet, mas se usa a internet para sua difusão.

Hoje, sim. No caso de André Diniz a internet é realmente um veículo. Se a gente analisar a internet como um meio, Fábio Yabu, que lançava o *Combo Rangers*, é um bom exemplo. Ele fez um site com os personagens dele e foi um absurdo de sucesso na internet. Ele acabou indo para a editora JBC, mas não deu certo nas bancas, porque nas bancas é preciso comprar a revista, enquanto que na internet é de graça. Depois ele foi pra Panini, mas também não deu certo. Ele ficou sem editora, no entanto continua na inter-

net, no principal portal, que é o UOL. Ao mesmo tempo ele criou bonecos de vinil a partir dos personagens que foram criados na internet. Tem gente que está trabalhando bem com a internet.

Os quadrinhos na internet não tendem a se tornar desenhos animados?

Acho que há uma hibridização. Certa vez Rogério Vilela, da Fábrica de Quadrinhos, chamou esse gênero de “digibi”. É quadrinho com movimento, mas não é desenho animado. São feitos pequenas animações com Flash para que haja um pequeno movimento em algumas cenas, como o cabelo da personagem que se mexe, a mão que dá um soco, e se restringe a isso. Mas, se continuar nesse caminho, nós vamos chegar ao desenho animado.

Você considera os sítios na internet fanzines eletrônicos ou eles são outra linguagem?

Existem zines eletrônicos, sim, e esse é outro espaço a ser explorado, porque a internet facilita a comunicação entre os fanzineiros de uma maneira mais rápida que por meio dos Correios. Quando começou, o *Universo HQ* era um site de fã. Samir Naliato gostava do que eu escrevia e resolveu montar um site sobre quadrinhos. Eu o ajudei na construção do site, dei dicas, e o site foi crescendo até que ele me convidou a editar o site e transformá-lo num site profissional, uma revista

eletrônica de conteúdo jornalístico sobre quadrinhos. Foi daí que surgiu o projeto do *Universo HQ* com a minha cara. Ele nasceu basicamente como um zine sobre quadrinhos.

Espaço crítico

Qual a resposta do público ao Universo HQ?

Isso pra mim é uma satisfação fora do comum. Quando ele começou teve apenas 10 acessos. Hoje a gente chega a 55 mil acessos por dia. A média fica em 30 mil acessos ao dia. É motivo de orgulho encontrar pessoas em todo o Brasil que dizem que o site é sua página inicial no computador. Ou jornalistas do Brasil inteiro que escrevem sobre quadrinhos falam sem o menor constrangimento que o site é sua maior fonte. Eu brinco que o *Universo HQ* é o meu quarto filho, pelo prazer que me dá.

Há algum tipo de participação do público no sítio?

A gente teve uma participação maior quando editava um boletim com as novidades da semana. Mas tivemos que pará-lo porque o número de usuários cresceu demais e nosso provedor considerou aquilo um *spam*, mesmo que o usuário autorizasse recebê-lo. Então o contato com o leitor passou a ser apenas por e-mail. Você não faz idéia a quantidade de e-mail que a

gente recebe com as mais diversas solicitações, como dar opinião sobre dissertações de Mestrado, entrevista para trabalho de conclusão de curso etc. Na medida do possível, quando não estou em momento de fechar a edição do site, eu atendo todo mundo. Nosso diferencial é que a gente gosta do leitor. Na minha cabeça é inconcebível que haja editor de qualquer veículo que não goste de ficar perto das pessoas, de saber o que estão achando de seu trabalho.

Do mesmo jeito que tem muita gente que gosta do *Universo HQ*, tem os que não gostam porque ele fala de todo tipo de quadrinho. Esta foi uma opção que eu fiz. Nenhum veículo no Brasil dá tanto espaço para o quadrinho nacional como o *Universo HQ*. *Batman* e *Homem Aranha* têm muito lugar no mundo pra divulgação e nós também vamos divulgá-los. Mas se eles tiverem que disputar espaço com nosso quadrinho, vamos colocar sempre os lançamentos nacionais na capa. Eu descobri um paraense que está publicando na editora Dargaud, que é uma das maiores editoras do mundo e ninguém sabia que esse cara existia. Então esses caras têm que ser valorizados.

Já houve alguma mudança da linha editorial em função do público?

Esta foi uma delas, fazer do *Universo HQ* um site global, sobre quadrinho europeu, quadrinho japonês,

quadrinho nacional, sobre o que você imaginar a respeito de quadrinhos, e sobre super-herói.

Há uns meses vimos publicando muitas notícias sobre salão de humor, de um colaborador nosso, o sérbio Marcus Ajdarick. Anteriormente, na barra superior do *Universo HQ* havia o letrero “A sua referência de quadrinhos e cinema na internet”. Decidimos excluir as notas sobre cinema, porque já há muito site bom sobre o tema. Só damos notícia de cinema quando este tem alguma relação com quadrinhos. Então nós mudamos para “A sua referência de quadrinhos e desenho de humor na internet”, porque a gente está falando bastante de desenho de humor, sobre os chargistas e os tiristas que estão lançando livros em todo o Brasil.

Esta foi uma mudança editorial marcante para nós e uma coisa que me deixa satisfeito é que começamos a falar de quadrinho nacional e de desenho de humor, mas os acessos nunca caíram. Ou seja, quem lê os outros tipos de quadrinhos passou a ler também sobre o material da Marca de Fantasia, sobre o Salão de Humor de Teresina, sobre o novo quadrinho nacional de Wellington Srbek.

As atualizações diárias exigem disciplina e disponibilidade de tempo. O Universo HQ tem estrutura profissional ou continua um sítio amador?

A gente não é profissional porque não ganha dinheiro, mas se eu contar como funciona o esquema do *Universo HQ*, é assustador! A gente coloca no ar, semanalmente, o equivalente a um mini-livro. Nós produzimos por semana 120 páginas no Word em corpo 12. Todos os quatros integrantes têm outros trabalhos para sustentar o site. Nós fazemos o site por tesão, mesmo. Tenho certeza que se o *Universo HQ* parasse hoje ia deixar um monte de gente na mão, sem espaço pra divulgar seu trabalho; ia ficar um buraco que não ia ser preenchido, pois os outros sites não iriam suprir o que a gente faz. Nós tentamos ser o mais profissional possível, na confecção dos textos, na escolha das imagens. No final do ano a gente se acha com o direito de tirar férias coletivas.

O que eu tenho que agradecer é que, mesmo sem poder pagar o que as pessoas merecem, nós temos uns 25 colaboradores, gente que manda notícias e resenhas. Teve um jornalista do Rio Grande do Sul, que escreve no jornal *Zero Hora*, que disse que queria apenas estar na “grife” *Universo HQ*. Pra mim foi uma honra.

Existe uma hierarquia interna no Universo HQ?

Participam do *Universo HQ* eu, Sérgio Codespoti, Marcelo Naranjo e o criador do site, Samir Naliato. Nós quatro somos sócios, no entanto o

editor-chefe sou eu. Os outros três são editores, apesar de nenhum deles ser jornalista. É esta a hierarquia.

Você considera que os sites vieram ocupar o espaço da crítica especializada dos jornais?

Sim. Como os jornais vêm diminuindo o número de páginas, a crítica especializada não mais existe. Eu escrevia para o *Estadão* (*O Estado de S. Paulo*), mas hoje o jornal não tem como pagar bem o *free-lancer* como eles pagavam antes. Hoje o quadrinho, o cartum, o desenho de humor disputa espaço com teatro, cinema, música. Os sites vieram para tapar esse buraco e com o número de acesso crescendo cada vez mais eu já ouvi coisas inacreditáveis!

Por um tempo eu fiz assessoria de imprensa para a editora portuguesa Meribérica, que editava quadrinhos caríssimos. A gente soltava uma nota no *Universo HQ* com os lançamentos e eu consegui espaço no *Estadão*, na *Folha de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de Minas*. Mas para a editora, o melhor resultado para as vendas veio mesmo da divulgação no *Universo HQ*, porque este é o espaço para quem gosta de quadrinhos. É bacana sair no *Estadão*, mas quantas pessoas que gostam de quadrinhos vão comprar as publicações por causa da veiculação lá? Antes o leitor sabia quando saía matéria de quadrinhos nos jornais, pois eles tinham seção

fixa. Hoje é esporádico, ninguém sabe quando sai.

Esse tipo de jornalismo on-line é viável economicamente?

Talvez seja viável para outras pessoas. O que eu sei fazer é jornalismo, gosto muito de quadrinhos, mas eu não sei vender. Estamos estudando algumas parcerias para o *Universo HQ*; queremos criar um portal sobre quadrinhos no Brasil. Isso ganharia uma força de associação e aí teríamos uma pessoa pra vender o site, estaríamos muito mais fortes pra encarar o mercado publicitário.

Como está, o *Universo HQ* já chama atenção. Nós já fomos convidados para participar de diversos provedores, como o UOL, o Terra, só que as propostas não eram absolutamente vantajosas para nós. Por exemplo, o UOL, que acho é o maior portal do Brasil, não nos dava nem hospedagem! E o *Universo HQ* é um site gigante, é referência pra pesquisa. O *Universo HQ* está hospedado fora do Brasil, pois se a gente fosse situá-lo aqui seria uma exorbitância, e o site não estaria mais no ar.

Como vocês mantêm o Universo HQ?

Com paixão, pelo amor à arte. Tenho loucura pelo *Universo HQ*. Brigo com meus sócios quando eles deixam passar algum erro, quando estou viajando. O que me move é ver

que a gente ajuda muita gente. Já fui criticado por gente do mercado por dar espaço a fanzine. Claro que vou dar espaço pra fanzine, pra evento no interior do Ceará, porque pra eles é importante sair no *Universo HQ*. Este é o tipo de coisa que não há dinheiro que pague. É claro que eu trabalho pensando em ganhar dinheiro com o *Universo HQ*. Ainda vou ganhar dinheiro com o site, tenho essa convicção; vai demorar, mas eu vou aprender a vendê-lo.

Tem uma coisa que não posso ignorar. O *Universo HQ*, apesar de não dar grana, deu-me muitos benefícios indiretos e para meus sócios. Especialmente pra mim, porque me tornei jurado de todos os salões de humor do Brasil depois do *Universo HQ*. Todo mundo me conhecia porque eu escrevia no *Estadão* e na *Wizard* da Globo, porque eu escrevia no site da Abril, mas antes eu era apenas um jornalista que escrevia sobre quadrinhos.

Depois do *Universo HQ* ganhei quatro HQ Mix, o que pra mim é uma honra.

Onde você pretende chegar com o Universo HQ?

Eu brinco dizendo que nós queremos dominar o mundo. Eu quero tornar o *Universo HQ* cada vez maior, que ele chegue a todo mundo que gosta de quadrinhos. Quem sabe um dia a gente não tenha um programa de TV!

Em minhas oficinas eu falo pros alunos que determino um objetivo pra mim. Na hora que o alcanço, quando vou pegá-lo, dou um chutinho pra jogá-lo um pouco mais pra frente. Acho que a gente tem que trabalhar assim em tudo na vida. Ponha sempre seu objetivo um pouquinho pra frente, nem que sejam alguns centímetros e vá buscar aqueles centímetros extras. É assim que eu trabalho. E espero que ainda tenha muitos centímetros, muitos metros, muitos quilômetros pra frente com o *Universo HQ*.

Sidney Gusman
com Henrique
Magalhães e
Sonia Luyten



Chamada Geral

Quadreca

Nº 14, 2005. 68p. 18x26cm.

Editora: Com-Arte. Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Bloco A, sala 10. Cidade Universitária, São Paulo, SP. 05508-900.

<http://quadreca.8k.com>

A Quadreca, produzida pela Com-Arte, laboratório editorial da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, dá um salto rumo à profissionalização, sendo lançada nas bancas, para um outro público além dos muros da universidade e dos limites dos fanzines.

Chegar às bancas pode parecer uma investida no mercado, mas também apenas um ensaio do que seria a produção de uma revista profissional. Para se chegar às bancas com propriedade necessita-se de um projeto editorial bem estruturado, levando-se em conta, sobretudo, a existência ou expectativa de um público que responda à concepção da revista.

Quadreca ganha uma apresentação gráfica irretocável, com capa em cores em papel couchê plastificado, miolo em papel de qualidade e formato magazine, para se destacar do ordinário. Mas o conteúdo não deixa de nos passar um sentimento de frustração. O apelo desesperado por colaboradores no final da revista dá o tom da editoria, que parece ter



tido muita dificuldade para reunir os quadrinhos que nos são apresentados. Apesar de se exaltar a qualidade dos publicados, a falta de participação entusiasta dos novos autores na publicação evidencia um descompasso entre o rico manancial que é publicado nos fanzines e as fracas colaborações dos que resolveram apostar na revista.

O problema pode estar na própria elaboração do projeto editorial, talvez impreciso e vacilante, ou pode se encontrar na falta de habilidade dos editores em acessar a via dos fanzines, onde estão os expoentes dos quadrinhos nacionais. De todo modo, qualquer dessas duas alternativas não condiz com a pretensão de se criar uma revista profissional.

A exceção, em termos de quadrinhos, é a participação de Edgar Franco, que faz uma bela homenagem às artes e à arquitetura brasileiras. O texto de Edgar está enxuto e objetivo, mas sem perder o espírito onírico e poético que lhe caracteriza. A pintura a lápis de cor ficou magnífica, contrastando, com vantagem, com a fria coloração por computador, comum na atualidade. Com a pintura à mão vê-se o humano no improvisado, na espontaneidade, até mesmo nas pequenas falhas.

Falhas, aliás, que o autor não se permite cometer. Edgar fez um trabalho maravilhoso, que abre uma nova perspectiva, um passo a mais no que ele está habituado a fazer.

Outro destaque em Quadreca são os textos competentes e muito interessantes. A matéria de capa discorre sobre os quadrinhos na internet, assunto do momento e que desperta o interesse da academia. Diego Rodeguero, embora com um texto curto, esbanja informações sobre o tema, evidenciando um bom trabalho de pesquisa. Já Rafael Santos aborda as adaptações dos quadrinhos para o cinema, e vice-versa, também algo muito em cima da atualidade do universo das HQ, o que gera um interesse inequívoco. Por fim, temos uma ótima entrevista com Fernando Lopes, editor da Panini no Brasil, revelando o processo de produção e os meandros da edição dos super-heróis no Brasil.

Os textos pagam o fanzine, ah, perdão, a revista, e talvez se devesse investir mais na parte textual. Apesar dos quadrinhos fracos, espera-se que o público aposte na iniciativa. Para as próximas edições, quem sabe o pessoal da ECA consiga encontrar o caminho que já nos deu algo como a revista Balão!

Lero-lero

Outra história

Recebi seu belíssimo *O Rebulição apaixonante dos fanzines*, numa edição sua, melhorada. Olha, aquele opúsculo da Brasiliense já era espetacular e este, então, nem se fala. Está perfeito. Eu só acrescentaria numa próxima edição, quem sabe, o fenômeno dos *blogs*, que a meu ver no futuro vai se o veículo dos fanzines. Acredito que eles já estão caminhando no mesmo espaço dos fanzines, com a vantagem de não precisar gastar com impressão e despacho pelo correio. A pessoa precisa apenas estar conectada à internet. Mas isto já é outra história.

Seu trabalho é impar, sob o ponto de vista de conteúdo ou *ilustratório*. Parabéns, meu caro.

João Antonio B. d'Almeida
Campinas, SP

O Rebulição apaixonante dos fanzines corresponde ao período de meu Mestrado, que chegou até 1990. Na década posterior e na atualidade houve uma verdadeira revolução dos meios eletrônicos, com a popularização da informática influenciando, é claro, na produção dos fanzines. Esses fatos marcantes foram abordados em outros textos, que acabaram gerando dois pequenos livros: A nova onda dos fanzines e A mutação radical dos fanzines, lançados pela Marca de Fantasia, que complementam minha pesquisa do Mestrado.



Grande humorista

Ao ler o *Más Humor* a primeira coisa que vi foi a charge da contracapa, que me derrubou de rir – foram as charges sem o contexto político, a propósito, as que mais me divertiram. Essas piadinhas de esquerda já estão muito batidas, exaustivamente repetitivas – e ao menos no Brasil, acredito, vão gradativamente perder a pouca graça que ainda têm. Mas procuro separar as coisas, e reconheço que Sergio Más é um grande humorista, especialmente quando não se mete em política (aquelas de futebol foram ótimas).

José Salles, São Paulo

*O reconhecimento da qualidade do trabalho de Sergio Más ganha o aval de mais um que entende do assunto. José Salles é “mestre” em HQ e cinema e edita ótimos fanzines na área. Pela Marca de Fantasia, ele teve seus contos adaptados para quadrinhos por Marcelo Marat e Emanuel Thomaz, no excelente título *Vidas Solitárias*.*

Tema recorrente em revistas, fanzines, palestras e eventos, dificilmente se chega a um consenso quando se trata de definir o que é História em Quadrinhos Brasileira. Edgard Guimarães reuniu neste livro seis artigos que abordam o tema, com a participação de autores e pesquisadores nacionais.

EDGARD GUIMARÃES (org.)

O QUE É HISTÓRIA EM QUADRINHOS BRASILEIRA



Com Marcelo Marat - Cesar Silva - Gazy Andraus
Edgar Franco - Edgard Guimarães - Henrique Magalhães



O que é História em Quadrinhos Brasileira

Edgard Guimarães (org)

Com Marcelo Marat, Cesar Silva, Gazy Andraus, Edgar Franco, Edgard Guimarães e Henrique Magalhães

Coleção Quiosque nº 12

2005. 92p. 12x18cm. R\$ 12,00



Pedidos para:
HENRIQUE P. MAGALHÃES
Rua Antônio Lira, 970/303
58045-030 João Pessoa, PB - Brasil

www.marcadefantasia.com.br
contato@marcadefantasia.com.br
Para depósito bancário, fazer contato